

## UM OLHAR SOBRE *JANE EYRE* DE CHARLOTTE BRONTE: UMA REAFIRMAÇÃO DA MULHER

Carlos Eduardo Parente de Souza,<sup>1</sup>  
Miguel Nenevê,<sup>2</sup>

**RESUMO:** Neste artigo discutimos a obra *Jane Eyre* de Charlotte Brontë como importante trabalho literário que oferece reflexões sobre o papel da mulher na sociedade. Sugerimos que a obra oferece especulações importantes sobre a mulher na Inglaterra vitoriana, e proporciona um repensar sobre sua presença na sociedade contemporânea, convidando o leitor a indagar sua atuação num ambiente de crenças machistas. Críticas consagradas como Sandra Gilbert, Susan Gubar entre outras e estudiosos brasileiros como Susana Funck, Thomas Bonnici ajudam-nos a ponderar sobre o tema. Propomo-nos a ressaltar a importância da obra de Charlotte Brontë e do próprio movimento feminista como contribuição marcante para uma reflexão sobre o ser mulher na sociedade vitoriana e nos dias de hoje.

**Palavras-Chave:** Literatura. Mulher, Pós-colonialismo, *Jane Eyre*.

**ABSTRACT:** In this paper we discuss Charlotte Brontë's *Jane Eyre* as a work which offers a reflection on women's position in society. We argue that Brontë's work suggests among other things, the women's struggle for emancipation in a male-centered world. Feminist critics such as Sandra Gilbert and Susan Gubar among others and Brazilian scholars such as Susan Funck e Thomas Bonnici help us to explore the book from the point of feminist fiction. We want to emphasize that the narrative reveals an objectification of women in social and economic relations and invites the reader to rethink the role of woman in Victorian period and nowadays.

**Key-words:** Women's fiction. Woman. *Jane Eyre*.

---

<sup>1</sup> Mestre em Letras pela Universidade Federal de Rondonia. cadusouza18@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutor em Letras (Inglês e Literaturas) pela UFSC. Professor do DLE UNIR. nenevemi@gmail.com  
Revista Igarapé, Porto Velho (RO), V. 4, n. 1, p. 99-114, 2016

## INTRODUÇÃO

Estudar e discutir a obra *Jane Eyre* de Charlotte Brontë sob a perspectiva feminista não é algo novo. Muito se tem escrito sobre esta obra como uma representante impar de ficção que sugere debates importantes sobre a mulher e seu papel na sociedade. Estudiosas aclamadas neste campo de estudos como, por exemplo, Helen Moglen ( "The Creation of a Feminist Myth"), Adrien Rich, ("Jane Eyre: The Temptations of a Motherless Woman" ) e Sandra Gilbert e Susan Gubar (com o clássico *Mad Woman in the Attic*) publicaram importantes ensaios sobre Jane Eyre já nos anos 1970s e 1980s. Estes textos, como o de Gilbert e Gubar discutem as alternativas para mulheres no século XIX na Inglaterra e no mundo.

As alternativas, segundo Gilbert e Gubar seriam fuga ou loucura. Portanto, na época, as mulheres enfrentavam dificuldades terríveis e muito difíceis de serem superadas. A luta pela igualdade da mulher era algo necessário e fica visível na obra de Charlotte Brontë. Ross C. Murfin, sugere que o ensaio de Gilbert e Gubar é considerado um trabalho clássico sobre feminismo e revela a reação da mulher envolta por uma cultura machista. Foi por isso considerado um exemplo de ginocrítica.<sup>3</sup>

Portanto, o que vamos abordar aqui não tem a pretensão de estar dizendo algo novo, mas talvez sugerir algo por uma perspectiva diferente, a partir de leitura de brasileiros. Sabemos que historicamente o feminismo associou a temática da independência da mulher à busca pela igualdade. A liberdade feminina um objetivo constante, era uma luta a ser afirmada, a independência da mulher na sociedade vai, por assim dizer, entrando na agenda da mulher a partir de escritos femininos como Jane Eyre. Buscava já no século XIX a qualidade de uma vida melhor, vida de ser humano com direitos, equiparando-se ao homem em direitos sobre cidadania, política e economia. Libertar-se da subordinação pela qual o homem a fazia inferior, era, e continua sendo, o foco das discussões feministas. Passamos então a descrever brevemente a obra para sustentar nosso argumento.

A obra *Jane Eyre* (1847) de Charlotte Brontë faz um relato da opressão feminina na primeira metade do século XIX na Inglaterra. A protagonista, que dá nome ao livro, narra seus sonhos, ilusões, dúvidas e sua luta para consolidar-se como pessoa atuante em uma

---

<sup>3</sup> Ver "Feminist Critic and Jane Eyre" por Ross C MURFIN, disponível em [http://www.ux1.eiu.edu/~rlbeebe/what\\_is\\_feminist\\_criticism.pdf](http://www.ux1.eiu.edu/~rlbeebe/what_is_feminist_criticism.pdf)

Revista Igarapé, Porto Velho (RO), V. 4, n. 1, p. 99-114, 2016

sociedade que impunha à mulher o destino de se submeter ao papel de esposa e de mãe. A autora destaca as únicas profissões que eram possíveis de ser seguidas naquela época e sociedade: a de ser professora e governanta.

Tratando desse aspecto sobre a obra de Charlotte Brontë há várias dissertações de mestrado e teses de doutorado. Poderíamos citar por exemplo, *The Woman Question in Charlotte Bronte's Jane Eyre: The interaction of Romanticism and mid-nineteenth-century Victorian England* de Hsiu-sui Chang como um trabalho acadêmico importante entre outros. Queremos aqui lembrar também de estudiosos brasileiros, que discutiram a obra e o feminismo. Discussões promovidas por Lúcia Osana Zolin e Thomas Bonnici, professores da Universidade Estadual de Maringá, Susana Funck da Universidade Federal de Santa Catarina, também propõem reflexões importantes. Estes autores tecem argumentos sobre a literatura feminista e nos convidam a refletir o quanto a mulher teve (e tem) que lutar para conseguir seu espaço enquanto escritoras.

O feminismo enquanto movimento possibilitou às mulheres de todo o mundo muitas reflexões sobre liberdade, a independência e a igualdade diante dos homens e promoveu mudanças nas ficções das mulheres e sobre mulheres. Se não possibilitou a liberdade na vida de brasileiras, por exemplo, ao menos abriu espaço no meio literário e talvez educacional para iniciar uma rejeição a formas do patriarcalismo. Assim, a marginalidade da escrita feminina, pode fazer com que a mulher ousasse sair da sombra dos pseudônimos masculinos para assumir a sua verdadeira identidade.

No entanto, é bom perguntar: quem é a mulher que “sai da sombra?” Esta é uma pergunta que vale ser repetida. Na realidade, a mulher envolvida com a escrita, a mulher alfabetizada, educada e no caso, europeia sai da sombra mais cedo e pode influenciar outras a quererem sair também. É, portanto, necessário ser prudente quando se afirma de forma generalizadora que o feminismo “liberou as mulheres” e as tirou da sombra.

### **UMA BREVE VISÃO SOBRE O FEMINISMO**

As leituras sobre o que é ou o que foi o feminismo apontam para o rompimento com os padrões tradicionais, acabando com a opressão sofrida ao longo da história da humanidade pelas mulheres. Segundo Alves e Pitanguy (1985, p.7), é difícil estabelecer uma definição precisa do que seja feminismo, pois este termo traduz todo um processo que tem raízes no passado, que se constrói no cotidiano e que não tem um ponto predeterminado de chegada.

Entretanto, o feminismo foi um movimento que ganhou força nos Estados Unidos na segunda metade dos anos 1960, momento em que os discursos intelectuais, filosófico e político se consolidaram, defendendo a luta pela igualdade de direitos entre homens e mulheres. Assim, o feminismo penetra em todas as situações, ele “revela-se também na esfera doméstica, no trabalho, em todas as esferas em que mulheres buscam recriar as relações interpessoais sob um prisma onde o feminino não seja o menos, o desvalorizado” (ALVES & PITANGUY, 1985, p 9). Neste caso, vale a pergunta de Gayatri Spivak: e a mulher brasileira, subalterna participou dos movimentos? Recebeu a influência de autoras como Elaine Showalter?

O que podemos dizer é que este movimento não parou de crescer e atravessou várias décadas, e fronteiras, tornando as relações entre homens e mulheres ainda mais conflitantes. Cada um levantava sua bandeira de modo a querer romper as barreiras da intolerância, ou seja, os homens tentando manter seu status superior e as mulheres buscando seu espaço como parte integrante na sociedade para poder, por exemplo, frequentar universidade, ter uma profissão, ganhar seu próprio salário, coisas que eram pertencentes apenas aos homens.

Antes disso, o papel principal da mulher, sua “função primordial”, era, segundo Alves & Pitanguy, a reprodução da espécie humana, a mulher não só gerava, amamentava e criava os filhos, como produzia tudo aquilo que era diretamente ligado à subsistência do homem: fiação, tecelagem, alimentação. Exercia também, trabalhos pesados como extração de minerais e o trabalho agrícola. (ALVES & PITANGUY, 1985, p. 11-12)

A mulher fazia todos esses trabalhos e não podiam se desenvolver dentro das atividades consideradas célebres, como no campo das artes e da política, áreas que só os homens atuavam. Então é a partir desse ponto de questionamentos do papel estabelecido para mulher que o movimento feminino adquire uma particularidade, praticando uma ação política organizada. Há sempre o questionamento sobre até que ponto estes movimentos ajudaram as mulheres de todo o mundo. Em que aspecto uma mulher de Terceiro Mundo vem conquistando ou não mais direitos.

Na Europa, sabemos, questionamentos feministas deram origem a reivindicações dos direitos de cidadania, sendo a França de fins do século XVIII o palco onde o movimento feminista começa a assumir um discurso próprio, que afirma a especificidade da luta da mulher (ALVES & PITANGUY, 1985, p. 32. É dentro desse âmbito de luta da Revolução Francesa que a mulher busca usufruir da liberdade que gradualmente vai adquirindo com as modificações das estruturas sociais, aproveitando-se das profundas transformações e dos

novos conceitos sobre os direitos constitucionais, civil, trabalhista e penal que redesenhavam as relações sociais. (SABINO JÚNIOR, 1970, p. 46-47). Isso influenciou com certeza muitos países do mundo.

## **ATÉ QUE PONTO HOVE TRANSFORMAÇÃO DO PAPEL DA MULHER NAS SOCIEDADES?**

A competição da mulher no mercado de trabalho inicia-se com a chegada da Revolução Industrial e se estende até os dias atuais. Nesse contexto, as vitórias do movimento feminista se propagam diante das sociedades do mundo inteiro. Notadamente, as mulheres passaram a ter acesso às universidades no final do século XIX mesmo encontrando resistência por parte dos homens. Nesse mesmo século, inúmeras mulheres se tornaram conhecidas nas artes (Rosa Bonheur na França, Edmonia Lewis nos Estados Unidos), na literatura (George Sand na França, Georges Eliot na Inglaterra), nas matemáticas (Sophie Germain, Mary Somerville e Sonya Kovalesky), entre outras (ALVES & PITANGUY, 1981, p. 64).

Assim começa a transformação do papel da mulher, com sua inserção nos mais diversos campos de trabalho. Suas conquistas logo são atendidas de maneira formal, tendo o fortalecimento de sua emancipação em definitivo, fazendo com que os direitos da mulher aos poucos fossem abraçando mais direitos de acordo com suas necessidades. Especificamente, o movimento feminista, depois de várias conquistas contra a discriminação sobre a subordinação da mulher perante os homens, se intensifica na questão do “sexo e política”.

Nessa corrente, vemos que, segundo Alves e Pitanguy,

O movimento feminista denuncia a manipulação do corpo da mulher e a violência a que é submetido, tanto aquela que se atualiza na agressão física – espancamentos, estupros, assassinato – quanto a que se coisifica enquanto objeto de consumo. Denuncia da mesma forma a violência simbólica que faz de seu sexo um objeto desvalorizado. (ALVES; PITANGUY 1985, p. 60-61)

Isso significa que a mulher buscou se libertar de todas as maneiras da visão machista, que pode ser exercida tanto como violência física quanto psicológica. Assim, a mulher também buscou se libertar da ideia de que o seu sexo era por obrigação, um fator que lhe era imposto. Para a professora da UEM Lúcia Ozana Zolin “o ato sexual, por si, a obriga a cumprir o papel de objeto passivo, o qual acaba por contaminar todos os seus tratos não

sexuais com o mundo. Já que se refere ao homem, seu ser sexual é congruente com sua transcendência” (ZOLIN, 2003, p. 168).

No campo político, as mulheres se revelaram na luta pelas transformações sociais, ou seja, procuraram desenvolver manifestos que as inserissem nos conjuntos de trabalhos, como por exemplo, arte, publicações, literatura e outras reivindicações. Conquistaram, então, o direito ao voto, o direito a assumir cargos administrativos, além de consolidarem as leis trabalhistas, entre outros.

Portanto, o feminismo é a voz que surge a partir da opressão da mulher, se edifica a partir de suas lutas em busca da conquista pelo seu espaço enquanto ser humano na sociedade. E que, acima de tudo, vence, mostrando ao mundo a capacidade de superação a cada obstáculo imposto em sua caminhada. Esse movimento não só lutou pela igualdade entre homens e mulheres, como conseguiu mostrar a toda sociedade que a mulher vai mais além do que o homem possa imaginar.

## **A MULHER NA LITERATURA**

A estudiosa feminista da UFSC, Susana B Funck pergunta: “O que é uma mulher?” discutindo o termo “mulher” no contexto de algumas correntes do feminismo contemporâneo. A professora argumenta que quando o feminismo começou a se consolidar no Brasil, na década de 1980, o conceito era pouco questionado e tinha uma nuance bastante essencialista. Adriana Lopes de Araújo, como Funk, afirmam que as primeiras obras da literatura, ou obras tradicionais que representavam sociedades patriarcais, silenciavam a mulher. Após o feminismo que as mulheres começaram a aparecer na literatura sob uma ótica diferente, questionando o papel tradicional da mulher.

Partindo desta reflexão podemos perguntar também, que mulher? Mulher de que país? De que ambiente, de que contexto e com que educação? Quando se afirma ingenuamente que o feminismo possibilitou a liberdade de todas as mulheres, parece que se está apagando todas as diferenças que as mulheres podem vivenciar no mundo todo. O fato é que o feminismo promoveu discussões que ajudaram, mesmo que de modo pouco distinto, a repensar sobre o que é ser mulher no Brasil e em qualquer país do mundo. A discussão passa a ser inserida no campo literário, principalmente em obras escritas por mulheres.

Vale lembrar que o pensamento feminista contemporâneo vem se desenvolvendo desde a década de 1960, quando a mulher se torna objeto de estudo nas mais diversas áreas de

conhecimento, como a sociologia, a história, a literatura e a crítica literária. Partindo desses estudos, temos a afirmação da experiência da mulher como leitora e escritora, uma experiência diferente da masculina, significando assim, mudança no campo intelectual o que gerou a quebra de paradigmas e a descoberta de novos horizontes para a participação da mulher na sociedade.

Para Thomas Bonnici (2007, p. 49) “a finalidade da crítica literária e de leitura feminista é focalizar a constituição do estilo, da imagística e das características do patriarcalismo numa determinada obra” Sobre esse pensamento, a crítica feminista impulsiona uma nova descoberta na escrita de autoria feminina, assim como a releitura de obras a partir do ponto de vista da mulher.

No meio social, a mulher demorou e lutou muito para ter seus direitos e no campo literário não foi diferente. Antigamente, os escritos das obras masculinas retratavam, em geral, a mulher como um ser emudecido, não podendo optar pelo seu destino e ocupando sempre um lugar secundário ao homem. Todavia, no início do século XX, a escrita feminina ganhou nova visibilidade, impulsionada por Virgínia Woolf, cujos livros de crítica, como *A room of one's own* (1929) e *Three guineas* (1938), tiveram forte impacto no movimento feminista. Os romances de Woolf, privilegiando a realidade interior através do uso do fluxo de consciência, a manipulação de tempo, o símbolo e a complexidade psicológica, influenciaram autoras britânicas e americanas na segunda metade do século XX. (APPIAH; GATES, 1997; STEVENSON, 1987; BONNICI, 2007, p. 220).

Assim, o feminismo na literatura ampliou o olhar da sociedade sobre a mulher, mostrando que ela podia sair de sua posição considerada “inferior” e ir em busca da posição de igualdade e que, nessa caminhada no meio da literatura, foi possível mudar a forma de escrita e leitura de textos literários. Até bem pouco tempo, tanto no Brasil como no exterior, a literatura de autoria feminina não existia, isto é, não aparecia no cânone tradicional, já que este sempre foi constituído pelo homem branco, ocidental de classe média/ alta, regulado por uma ideologia que excluía os escritos das mulheres (BONNICI; ZOLIN, 2003, p. 253).

Mesmo que no século XIX, a maioria das mulheres permanecesse com vida estática e limitada às agulhas, às panelas, lençóis e leite materno, devido às convenções políticas, econômicas e sociais, assim mesmo diante desse conjunto pressionador, a mulher se modificou e também modificou o seu pensamento. No decorrer da história, a mulher não deixou de conquistar seu espaço e trazer para seu universo os livros e a escrita, sempre

disposta a enfrentar os desafios e inserir seu nome na historiografia de sua época, mesmo que com certa timidez.

Conseqüentemente, em meio a essa busca pelo reconhecimento do valor da mulher, surge em vários países, muitos movimentos em que se discutiam o papel da mesma, não só na sociedade, mas no âmbito literário, porque nesse campo, só o homem tinha vez. Então, aparecem muito documentos apresentando textos que defendiam que a mulher precisava ter os mesmos direitos dos homens, como por exemplo, a liberdade de expressão.

Surgem, a partir daí, obras que defendiam a posição da mulher e, de certa forma, deram força à escrita feminina, despontando uma tradição literária voltada para o aspecto do “olhar feminino”.

Como vimos argumentando, na literatura, a crítica feminista foi responsável pelos estudos das produções de mulheres do século XIX, mostrando que elas tinham um grande potencial para a escrita. Através de reedições de livros, muitas vezes esgotados, e de estudos críticos que explicam a obra dessas escritoras, ocorreram muitas mudanças no espaço literário feminino, fazendo com que o esforço dessas mulheres fosse reconhecido pelas gerações posteriores.

Embora esses estudos aconteçam primeiramente nos Estados Unidos e na Europa, no Brasil, essa questão torna-se mais presente em meados dos anos de 1980, com a concretização da crítica literária dos estudos sobre a mulher, que se revela nas “constantes publicações de antologias, dicionários, ensaios, coletâneas de estudos críticos” (ZOLIN, 2009, p. 240) e nos anais de congressos. Zolin ainda escreve que pode-se pensar “na crítica literária feminista no Brasil como algo consolidado” (ZOLIN, 2009, p. 240).

Dessa forma, o novo lugar que a mulher passa a ocupar na sociedade traz a valorização de escritoras que enfrentaram as barreiras da escrita sobre pseudônimos masculinos, saindo da literatura marginal para assumir uma posição central. Essas mulheres abordaram temáticas variadas, livres de rejeição e do escândalo por serem “mulheres”, porque o movimento feminista fez com que elas mudassem sua forma de pensar e também mudassem o olhar da sociedade, lançando no mundo da literatura suas obras e seus trabalhos que até então era ocupado pelo universo masculino.

Enfim, o feminismo deixa suas marcas, renegando agora a ideologia patriarcal e trazendo uma nova tendência de se pensar a literatura e a representação da mulher. Nessa perspectiva, a mulher rompe com os limites do “eu”, deixando de lado uma escrita voltada para si mesmo, mostrando o outro, um ser participativo do mundo. Essa nova escrita também

revela uma nova mulher, que mostra as várias formas de criação literária, que mesmo não abordando discussões sobre papéis sociais masculinos e femininos, suas obras trazem protagonistas mulheres com atitudes mais questionadoras. É o caso da obra *Jane Eyre* analisada abaixo.

### **JANE EYRE E A PERSPECTIVA FEMINISTA**

*Jane Eyre* é o segundo romance escrito por Charlotte Brontë, que foi publicado em 1846. O enredo conta a história de Jane Eyre, uma criança órfã que vive com a família de seu tio que ao morrer deixou-a sob os cuidados de sua mulher. Jane é odiada por sua tia e pelos primos. Quando Jane ainda era pequena, sua tia a manda para uma escola (uma espécie de orfanato), onde a criança sofre muito, mas que durante os oito anos que esteve lá aprende o suficiente para se tornar uma professora e governanta. Com os conhecimentos adquiridos, Jane consegue um emprego em Thornfield Hall – residência de Mr. Rochester, por quem ela se apaixona.

Há algo de estranho na casa de Mr. Rochester que deixa Jane intrigada com alguns acontecimentos. Porém, Jane se deixa levar pela novidade do sentimento do amor que nunca experimentou na vida, acabando assim conquistando de vez Mr. Rochester, que até então estava desiludido com um amor do passado. Quando Jane aceita se casar com Rochester, no dia do casamento, ela descobre que ele já era casado e que sua mulher vivia trancada na casa, por apresentar perturbações mentais. A história segue outro rumo quando Jane foge de Rochester. Um tio a acolhe e logo em seguida deixa uma herança, tornando Jane uma mulher rica. Em seguida, após um ano sem saber de Rochester, ela decide ir atrás dele e descobre que ele está cego, pois a casa onde ele morava pegou fogo, sendo assim atingido. Jane aceita-o e, por fim, se casa com ele.

Charlotte Brontë aparece juntamente com suas irmãs numa época em que a literatura, era um campo minado para as mulheres. Com efeito, esse período era dominado pelos homens, o que deixava à escrita e o conhecimento das mulheres à margem da literatura, sendo obrigadas a usarem pseudônimos masculinos para poder publicar suas obras.

Na obra *Jane Eyre*, Charlotte cria um personagem feminino que foge à regra do estereótipo submisso, sem valor e mudo. O que ela vai impor nessa personagem são características que o movimento feminista propõe, ou seja, a Jane é uma mulher forte, com

necessidades de ser independente, não querendo para si a vida de uma mulher que se submete a tudo e a todos. Charlotte Brontë diz:

É de esperar que as mulheres sejam muito calmas; contudo, elas têm os sentimentos iguais aos homens. Elas necessitam exercitar suas faculdades mentais exatamente como seus irmãos requerem; elas sofrem de um constrangimento excessivo, de uma estagnação completa, semelhante àqueles que os homens sofreriam; é muito oprimente ouvir seus colegas masculinos dizer que as mulheres devem se restringir a fazer pudins, cerzir meias, tocar piano e bordar sacolas. Não é justo condená-las ou pô-las ao ridículo se elas tentarem fazer mais ou aprender mais do que tradicionalmente se concede à sua condição feminina (BRONTË, [s.d.], p. 111)

A primeira onda é considerada a fase “feminina”, porque é o início do movimento e este está ainda em formação, o que leva muitas mulheres ainda não se definirem por completo na luta pela igualdade. Embora o foco do romance aponte para o fator “feminista”, é visível grandes oscilações no comportamento de Jane quanto ao casamento e a luta pela independência, representando assim, um querer libertar-se e ao mesmo tempo um desejo de se entregar a um homem.

(...) Não me correspondera com o mundo exterior. Regulamentos escolares, disciplina escolar, hábitos escolares e estudos, e vozes e caras, e frases de preferências e antipatias: eis o que conhecia da vida. E agora sentia que bastava. Nesta tarde, cansei-me da rotina de oito anos. Quis liberdade, ansiei por liberdade. Por liberdade, murmurei uma prece- e tive a sensação de que ela se desfazia ao vento que soprava lânguido. Abandonei-a e construí uma súplica humilde: pedindo mudança, pedindo estímulo. E também esta súplica me pareceu fundir-se no espaço vago.  
- Então – bradei, meio desesperada- dai-me pelo menos uma servidão diferente! (BRONTË, [s.d.], p.62)

Jane anseia por sua autonomia, quer libertar-se, logo depois quer ser uma mulher casada, porém teme em ser oprimida, sem direito de expressar-se ao lado de seu marido.

(...) E imaginei-me sua mulher... Oh, nunca! Como discípula, ajudante, tudo iria bem... Mas, como esposa- sempre ao lado, contida sempre, sempre oprimida- forçada a manter baixa a flama do meu ser, deixando-o a se estiolar sem emitir um grito sequer enquanto a chama prisioneira lhe consumisse as fibras, uma por uma- seria inatrável! (BRONTË, [s.d.], p.282)

Aqui vemos como Jane oscila nos seus sentimentos e procura a todo custo optar por algo que ainda não decidiu. Na Primeira Onda, consolidam-se algumas eventuais reivindicações, dentre elas o direito da mulher trabalhar, de se impor na sociedade como uma

mulher independente e que ao mesmo tempo querem se igualar ao sexo oposto. Jane, após muito sofrimento desde a casa de sua tia até sua estada no orfanato, sempre buscou lutar por sua independência. Mesmo indo contra os padrões da época, ela consegue com seu próprio esforço formar-se e se manter com seu trabalho:

Moça acostumada a ensinar (então eu não tinha dois anos de professora?) deseja encontrar uma colocação junto a uma família de respeito que tenha criança de menos de quatorze anos.  
(...) A pretendente acha-se habilitada a ensinar as matérias usuais da boa educação inglesa, e Francês, Pintura e Música (Naqueles tempos esse para hoje modesto catálogo de conhecimento tinha grande significação) (BRONTË, [s.d.], p. 63)

O que Jane fez para ter sua independência foi estudar e se formar em algo que naquela época tinha algum significado para a mulher que aspirava à liberdade no âmbito social. Esse tipo de atitude figura a quebra do estereótipo da “mulherzinha, dona de casa e mãe”, seguindo assim o conceito estipulado pela onda feminina que era o de lutar pelo direito ao trabalho e a ter seu próprio salário.

Toda essa vontade de ser independente que Jane tanto queria era porque, desde criança, fora muito maltratada pela tia e principalmente pelo primo e, logo depois, pela vida sacrificada no orfanato. Vivia sendo humilhada por John, que não tinha o mínimo respeito nem por sua mãe, quanto mais por ela, a quem a chamava de rata:

John não tinha amor à mãe e às irmãs- e odiava-me. Oprimia-me. Espancava-me. Não duas ou três vezes por semana, não uma vez ou duas vezes por dia: continuamente. Todos os meus nervos o temiam, todos os feixes dos meus músculos se retesavam quando ele andava por perto. (BRONTË, [s.d.], p.11)

John fazia da vida de Jane, um verdadeiro inferno, pois não só a espancava fisicamente como a insultava, fazendo com que ela se sentisse pior psicologicamente, sentindo-se inferiorizada de maneira tão dura que ela mesma se achava uma pessoa feia e menos importante que uma empregada. Ele não admitia que Jane vivesse como eles e dizia:

(...) - Você não tem direito de ler os nossos livros. Mamãe diz que você é uma asilada. Não têm dinheiro. Seu pai não lhe deixou coisa alguma. Você devia andar mendigando, e não vivendo aqui com filhos de gente boa como nós, comendo as mesmas comidas e vestindo-se às custas de mamãe. Agora vou lhe ensinar a bulir nas minhas estantes: minhas entendeu? Toda esta casa me pertence, ou me pertencerá brevemente. Vá e fique ali na porta, longe do espelho e da janela. (BRONTË, [s.d.], p.11)

Nesse contexto, abriremos um parêntese para fazer um breve comentário sobre o aspecto do estilo de vida das pessoas que eram órfãs nessa época, pois o romance também retrata a sociedade e seu falso moralismo na assistência aos desabrigados. Visto que Jane estava se tornando um obstáculo difícil de enfrentar, a tia resolve mandá-la para um orfanato. Esse lugar será para Jane não só o ambiente em que ela sofre, mas também o lugar onde se concretiza metade de seus sonhos de ser livre:

Meu primeiro trimestre em Lowood me pareceu um século. E não, de certo, um século de ouro. Foi a fase da luta exaustiva pela adaptação aos novos hábitos e às tarefas a que eu não estava afeita. O receio de fracassar me torturava mais do que as penas físicas do trabalho – que, aliás, não eram poucas.”(BRONTË, [s.d.], p.45)

A orfandade nessa época significava a necessidade de caridade e, portanto, isso era um aspecto que envergonhava a sociedade, que tentava amenizar o problema dos órfãos, mendigos, pedintes, loucos, criando abrigos e casas que designavam “escolas de caridade”. Pelas leituras que se tem desses lugares, sempre foram tidos como ambientes de torturas, maus tratos e principalmente onde se passava muita fome, pois a verba à que se destinava, não era empregada de forma correta:

Na hora do chá, um pequeno consolo: ração dupla de pão – fatia inteira em vez de meia fatia – com o delicioso acréscimo de uma tênue camada de manteiga. Era essa regalia hebdomadária que nos fazia sonhar de domingo a domingo. Em geral, eu conseguia defender a metade do generoso repasto. Mas, invariavelmente, a outra metade era saqueada. (BRONTË, [s.d.], p. 46)

Devido a má alimentação, aos trajes inadequados na época de inverno, a falta de conforto e de decência nas instalações de Lowood, houve um surto de febre tífica que matou muitas meninas no orfanato.

Depois de cumprir sua missão devastadora, a febre tífica desapareceu aos poucos de Lowood. Todavia, a violência do surto e o número de vítimas já haviam chamado a atenção pública. Instaurou-se inquérito e, pouco a pouco, surgiram constatações que levaram ao auge a indignação coletiva. A insalubridade do local, a quantidade e a qualidade da alimentação das alunas; a água salobra e fétida utilizada nas cozinhas, as roupas e as acomodações precárias – tudo isso veio a furo. E a descoberta produziu um resultado mortificante para Mr. Brocklehurst, porém benéfico para a instituição. (BRONTË, [s.d.], p.61)

Essa denúncia que Charlotte Brontë faz em seu romance aos maltratos sofridos pelas crianças pobres retrata uma situação muito frequente naquele período. Ela não escrevia somente sobre a figura da mulher na sociedade, mas também sobre os problemas sociais que assolavam o país nessa época.

Voltando à questão feminista, Jane cresce, se torna professora e parte à procura de emprego para sair daquele lugar. Acaba tornando-se governanta na casa de Mr. Rochester, onde cuida e ensina Adèle. Contudo, Jane começa uma luta dentro de si quanto ao seu sentimento por Rochester e o seu anseio de viver em liberdade. A sua busca por auto-afirmação é contrabalançada pelo sentimento de viver submetida a um homem, até porque ela já está apaixonada por Rochester e seus pensamentos e atitudes se duelam em querer servi-lo ou servir a si mesma:

Meu corpo penaria sob um domínio massacrante. Meu coração, porém, e meu espírito, permaneceriam independentes. Eu possuiria o meu mundo, para o qual poderia me voltar, meus pensamentos sem peias, com os quais poderia me entreter nas horas de solicitude. Haveria na minha alma um recanto só meu, no qual ele jamais penetraria. (BRONTË, [s.d.], p.282)

Na verdade, Jane quer ser vista como um “um ser humano livre”, com vontade própria e não como um objeto manipulável. Segundo Bonnici (p. 192), na teoria feminista, os participantes (o homem e a mulher) são hierarquizados de tal forma que o homem e seu discurso se constituem como sujeitos, enquanto a mulher e seu discurso são reduzidos a objeto.

No romance, Jane tem medo de que Rochester a faça um objeto, que a manipule e a mantenha como uma escrava, sem direito algum: “... e achei que o seu sorriso era o mesmo com que um poderoso sultão, num momento de longanimidade e delícia, envolveria uma escrava cevada com seu dinheiro e as suas jóias” (BRONTË, [s.d.], p. 188).

Tendo em vista a temática feminista nesse romance, o que podemos analisar de fato não é a criticidade do feminismo e sim a auto-afirmação individual da mulher na sociedade como sujeito que quer ter seu espaço construído a partir de seu próprio esforço. Segundo Bonnici (p. 246), “a partir de Descartes (1596-1650), o sujeito não é mais visto como manipulado por forças cósmicas ou divinas; pelo contrário, o sujeito torna-se a fonte de toda a atividade humana e controla o mundo através de sua inteligência”. É o que Charlotte Brontë mostra em seu romance. A mulher enquanto sujeito inteligente, forte e capaz de se impor

numa sociedade em que os homens sempre tentaram mantê-las à sua sombra. Jane consegue se sentir realizada quando se depara com situações de extrema liberdade de expressão:

(...) de novo a sua fisionomia manifestou surpresa. Ele não imaginava que uma mulher ousasse falar a um homem. Quanto a mim, sentia-me à vontade naquele gênero de conversa. Nunca pude me manter em comunicação com entes fortes, reservados e sensíveis- masculinos ou femininos – antes de vencer os obstáculos da discrição convencional, transpor os umbrais da confiança e conquistar lugar no granito dos seus corações.(BRONTË, [s.d], p.260)

Analisando a forma como Charlotte Brontë manipula os sentimentos de Jane, é visível a ambiguidade da questão feminista. Ora a personagem quer a independência, ora ela deixa se submeter, pois no final do romance ela acaba se casando, o que torna a expectativa dessas idas e vindas na questão do feminismo surpreendente.

Assim, partindo do pressuposto de liberdade, autonomia, direitos, submissão, opressão e amor, Charlotte Brontë não escreve somente sobre os anseios da mulher, mas também questiona a forma de se identificar na sociedade como um indivíduo atuante, com liberdade de escolha, para além dos valores da sociedade patriarcal.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Jane Eyre se destaca como uma obra que revela a mulher, enquanto ser oprimido, que vivenciou a luta por dias melhores para o seu gênero. A mulher que travou e que ainda hoje trava batalha por seu espaço no âmbito social, político e cultural. As discussões de feministas sobre a obra de Brontë mostram como as mulheres tiveram que percorrer uma longa trajetória para poder realizar atitudes como: votar, trabalhar e principalmente mostrar-se igual ao homem. Procuramos indicar fatores que coibiram a mulher de se manifestar como indivíduo participante e atuante nas sociedades, buscando sempre obter a igualdade junto ao seu sexo oposto. O que muitos identificam como feminismo, outros se arriscam chamar de auto-afirmação da mulher e, dentro dos estudos apresentados tanto nas teorias literárias quanto na obra *Jane Eyre*, a questão da emancipação da mulher está vinculada a uma busca pela igualdade de direitos e escolhas.

O que queremos enfatizar é que *Jane Eyre*, retrata um mundo colonialista, machista e moralista da Inglaterra sob o reino da Rainha Vitória. A noção da mulher escritora no século dezenove que tinha que apresentar personagens femininas mansas, boazinhas, “anjos” foi de

certa forma desmantelada nesta obra. Charlotte Brontë inovou ao mostrar a mulher anjo e monstro junto com a mulher lutadora. A mulher que, mesmo sutilmente, sabe lutar contra uma concepção patriarcal que a vê como aquela que segue as ordens do marido. Esta luta é visível na obra de Brontë.

O feminismo, talvez poderíamos afirmar, ajudou a colocar no centro do debate questões de gênero também no campo literário. Escritoras femininas tem procurado na contemporaneidade explorar personagens femininas que já não tem como únicas alternativas ficarem loucas ou fugir, como no caso da personagem Jane Eyre e a mulher louca do sótão.

Outros aspectos a serem interrogados na obra estão relacionados à mulher não europeia, à mulher louca do sótão, que veio do Caribe. A crença da “superioridade” da mulher da Europa sobre a “outra” aquela que continua na sombra e depois comete suicídio não deve ser negligenciada em discussões sobre *Jane Eyre*. Afirmar que o feminismo tirou as mulheres da sombra, portanto, ainda pode ser ingênuo. O que podemos celebrar com certeza é que, também com a contribuição de Charlotte Brontë, as mulheres tem seu espaço próprio (a room of their own) para escrever e para colocar suas perspectivas e visões de mundo.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

“ALVES, B. M.”; “PITANGUY, J.”. O que é feminismo. São Paulo: Brasiliense s.a., 1985. Coleção Primeiros Passos.

BONNICI, T. Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências / Thomas Bonnici. – Maringá: Eduem, 2007.

“\_\_\_\_\_.”; “ZOLIN, L. O.”. Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas / organização Thomas Bonnici, Lúcia Osana Zolin – Maringá: Eduem, 2003.

BRONTË, C. *Jane Eyre*. Trad. Sodrê Viana. Rio de Janeiro: Ediouro, [s.d.]

FUNCK, S. O que é mulher? Disponível em: , <<http://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/viewFile/8252/6249>>. Acesso em: 10 de Janeiro de 2016

“GILBERT, S.” ; “GUBAR, S.” The Madwoman in the Attic: The Woman Writer and the Nineteenth Century Literary Imagination. 2nd Ed. Nota Bene, 2000. Print.

Hsiu-sui Chang “*The Woman Question in Charlotte Bronte's Jane Eyre: The interaction of Romanticism and mid-nineteenth-century Victorian England*”. Dissertação.

MOGLEN, H. "The Creation of a Feminist Myth." Charlotte Bronte: The Self Conceived. Madison, WI: University of Wisconsin Press, n.d. Rpt. in Bronte 484-491.



RICH, A. "*Jane Eyre: The Temptations of a Motherless Woman.*" On Lies, Secrets, and Silences. Selected Prose, 1966-78. New York: W.W. Norton, 1979. Rpt. in Bronte 462-475.

MURFIN, R. C. "Feminist Critic and Jane Eyre" disponível em: [http://www.ux1.eiu.edu/rlbeebe/what\\_is\\_feminist\\_criticism.pdf](http://www.ux1.eiu.edu/rlbeebe/what_is_feminist_criticism.pdf), Acesso em: 18 de Janeiro de 2016

SABINO JUNIOR, V. *Emancipação sócio-jurídica da mulher: Estudo sócio-jurídico*. São Paulo: Juriscredi LTDA, 1970.

SHOWALTER, E. "*Charlotte Brontë: Feminine Heroine.*" Charlotte Brontë's Jane Eyre. Ed. Novy Kapadia. Delhi: Worldview Publications, 2007. 425-434. Print.

WOLF, V. *A room of one's Own*. London: Penguin, 1990.